

AUTISMO: UMA ABORDAGEM TAMANHO FAMÍLIA

Mariene Martins Maciel¹ e Argemiro de Paula Garcia Filho²

Resumo

A educação de crianças autistas representa um desafio para famílias e educadores. Embora não haja consenso sobre suas causas, a tarefa de ensinar as pessoas autistas como viver e se relacionar com suas comunidades tem obtido sucesso com métodos voltados para a sua socialização, principalmente quando envolvem suas famílias. O método Brincanto Play, focado na ludicidade e na música mostrou resultados positivos tanto no desenvolvimento de habilidades sociais como na aquisição de conhecimentos específicos servindo, inclusive, de ferramenta para ministrar conteúdo do ensino regular.

Palavras-chave:

Autismo, educação, ludicidade.

Introdução

Os transtornos globais do desenvolvimento (TGD), também chamados de “espectro autista”, formam um conjunto de síndromes definidas por alterações no comportamento que, normalmente, são observadas em crianças entre os dois e três anos de idade. À exceção da síndrome de Rett, ocorrem quatro vezes mais em meninos do que em meninas e se caracterizam por comprometimentos qualitativos nas interação social, comunicação e na manifestação de interesses restritos e repetitivos. Não há consenso, na comunidade científica, sobre as causas do autismo. Pode apresentar de formas suaves a graus severos de comprometimento, podendo vir associado a outras síndromes, como Down, Williams, X-Frágil, afetando ainda mais a pessoa, mas muitos têm inteligência média, podendo mesmo ser bastante inteligentes.

A palavra "autismo" surgiu nas descrições da esquizofrenia, em 1908, cunhada por Eugene Bleuler, em correspondência com Freud. Em 1943, dois médicos austríacos, Leo Kanner e Hans Asperger, o primeiro morando nos Estados Unidos, o segundo, na Áustria, a usaram para descrever o mesmo padrão de comportamento: crianças e jovens

In: Díaz, F., Bordas, M.; Galvão, N. & Miranda, T. – Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009.

¹ Jornalista com especializações em História e Psicopedagogia, diretora da Afaga (Associação de Familiares e Amigos da Gente Autista) e da Abraça (Associação Brasileira para a Ação por Direitos da Pessoa com Autismo).

² Geólogo, diretor da Afaga (Associação de Familiares e Amigos da Gente Autista) e da Abraça (Associação Brasileira para a Ação por Direitos da Pessoa com Autismo) e moderador das comunidades virtuais “Autismo no Brasil” e “Aspergerbrasil” no yahoogrupos e no orkut.

que se mantinham alheios às pessoas à sua volta, demonstravam interesse fixo em assuntos restritos, linguagem “mecânica”, quando falavam, tendência à rotina e à “mesmice”. O estudo de Hans Asperger, envolvendo cerca de 200 pacientes e publicado em alemão em 1944, permaneceu esquecido do grande público médico, até que Lorna Wing, médica inglesa mãe de um garoto autista, traduziu-o para o inglês, em 1981.

Apesar do senso comum afirmar que as pessoas autistas não vivem neste mundo, que são a ele totalmente alheios, não é exatamente isso que ocorre: essa falsa impressão se dá pelo fato de perceberem o mundo de forma diferente da maioria das pessoas e apresentarem respostas fora dos padrões pelos quais estas reagem. Seu aparente alheamento mascara o fato de que em geral estão presentes e são extremamente sensíveis, mas têm dificuldades para se comunicar. Essa idéia de que vivem em seu próprio mundo surgiu quando os primeiros pesquisadores compararam o autismo com a esquizofrenia – cujos portadores constroem verdadeiros mundos imaginários.

O diagnóstico do autismo baseia-se na observação do comportamento, e não em exames clínicos. Segundo as normas norte-americanas (DSM-IV), é preciso que a pessoa apresente seis ou mais dos itens a seguir, com pelo menos dois do grupo 1, um do grupo 2 e um do grupo 3. Há quem chame as três áreas afetadas de “triade autista”: Socialização, Comunicação e Comportamentos focalizados e repetitivos.

1) Grupo 1 – Prejuízos na interação social:

- a) dificuldade de se comunicar através de gestos e expressão facial e corporal;
- b) não faz amizades facilmente;
- c) não tenta compartilhar suas emoções (Ex.: não mostra uma coisa que gostou);
- d) falta de reciprocidade social ou emocional (não expressa facilmente seus sentimentos e não percebe os sentimentos alheios).

2) Grupo 2 – Prejuízos na comunicação:

- a) atraso ou falta de linguagem falada;
- b) nos que falam, dificuldade muito grande em iniciar ou manter uma conversa;
- c) uso estereotipado e repetitivo da linguagem (usa frases de propagandas, filmes, novelas, programas de televisão, trechos ou músicas inteiras);
- d) falta de jogos de imitação (Ex: representar o papai, a mamãe, a professora – algo muito comum nas brincadeiras de crianças).

3) Grupo 3 - Comportamento focalizado e repetitivo:

- a) preocupação insistente com um ou mais padrões estereotipados (Ex.: não misturar alimentos no prato, não ingerir alimentos com determinadas texturas, seguir sempre o mesmo ritual para determinadas tarefas);
- b) assumir de forma inflexível rotinas ou rituais (ter “manias” ou focalizar-se em um único assunto de interesse);
- c) maneirismos motores estereotipados (agitar ou torcer as mãos, bater a mão uma na outra, ficar olhando fixamente as mãos, ter sempre um objeto de interesse e ficar manipulando este objeto);
- d) preocupação insistente com partes de objetos, em vez do todo (fixação na roda de um carrinho ou hélice de ventiladores, por exemplo).

Grande parte das pessoas autistas tem Distúrbio de Integração Sensorial (DIS): seus sentidos podem ser hipo ou hiperdesenvolvidos. Podem ser capazes de ouvir sons quase inaudíveis, como um alfinete caindo ao chão ou a água correndo nos encanamentos, ou ter sensibilidade a ruídos altos, como liquidificadores e furadeiras; sentir cheiros imperceptíveis para as demais pessoas; podem não suportar luzes fluorescentes, por perceber a luz oscilando como um estroboscópio devido à corrente alternada; toques e outros contatos lhes podem ser desagradáveis; texturas de tecidos e alimentos podem ser desagradáveis. A Dra. Temple GRANDIN (1992), engenheira e autista, explica que uma criança autista cobre seus ouvidos porque certos sons lhe doem. Afirma: “o barulho frequentemente faz meu coração disparar”.

O americano Jim SINCLAIR, (1993), também autista, explica que a comunicação é difícil, mas totalmente possível. Para ele, é como ter uma conversa íntima com uma pessoa que não entende sua língua: ela não vai entender o que você está falando; não vai responder da forma que você espera e pode mesmo achar confusa e ruim a interação. Para ele, autistas são estrangeiros em qualquer sociedade.

Embora suas causas ainda não estejam determinadas, as características que determinam que uma pessoa é autista, bem como formas para que atinja um desempenho que lhe garanta, em algum nível, uma vida independente, são bem conhecidos. Há muitas coisas que podem ser feitas pela pessoa autista. A principal é acreditar que tem potencial para aprender. Também é preciso saber que enxerga o mundo de uma forma diferente, mas vive nele. Algumas pessoas autistas conseguem se formar, constituir família e ter uma vida profissional normal. Há quem nunca suspeitou de sua condição, vivendo como uma pessoa deslocada na sociedade.

É preciso lembrar que, devido à sua dificuldade em se comunicar, podem ter um desempenho fraco na escola. Nos casos mais graves, devido à desinformação dos adultos, pais e profissionais da Medicina e da Educação, a criança autista fica condenada a viver em um mundo que não consegue compreender. Nesses casos, pode crescer frustrada e responder ao mundo com gritos e com agressões, para descarregar sua frustração em não ser compreendida.

O primeiro passo é identificar o mais cedo possível que a criança é autista. O papel do professor da pré-escola é fundamental, bem como do pediatra. A partir do diagnóstico precoce, é preciso iniciar uma estratégia educacional para superar as dificuldades da criança, de forma que ela consiga se relacionar com as outras pessoas e, assim, possa aprender. Leonardo Ferreira, brasileiro, autista, tem o segundo grau completo, carteira de habilitação, nunca foi multado, e é fascinado por aviões. Ele afirma que o amor dos pais e a sua confiança foram fundamentais para seu pleno desenvolvimento. (NOGUEIRA, 2002).

Não existe uma intervenção única ou tratamento que funcione para todo autista, mas o que é defendido por muitos especialistas, como RIVIÈRE (2004), é a participação intensa e estreita colaboração da família, cujo envolvimento é fator relevante no êxito dos trabalhos educacionais e terapêuticos com crianças autistas.

Quando a solução está no problema

Este é um breve relato das estratégias que nossa família adotou para lidar com o autismo de nosso filho mais novo, Gabriel. Como em muitos casos, entre os dois e três anos de idade, ele deixou de se comunicar, parecia “ausente” por longos períodos, não respondia a chamados e se comportava como se estivesse surdo. Uma peregrinação por médicos não trouxe respostas: nós mesmos levantamos a hipótese de autismo, embora não soubéssemos claramente do que se tratava. Um diagnóstico formal só foi dado quando tinha a idade de nove anos e meio, em janeiro de 2003.

Centramos o trabalho na inclusão familiar, baseando-nos em ludicidade e música, muitas vezes contrariando as indicações dos especialistas: uma psicóloga afirmou que, se permanecêssemos cantando para nos comunicarmos, o garoto nunca falaria. Ao contrário, quando percebemos que nosso menino usava a música no lugar da fala, a adotamos como uma forma de comunicação, assumindo que sua vida tinha trilha sonora: para cada situação, uma música-tema.

Da mesma forma, houve quem nos orientasse a reprimir estereotípias e ecolalias e limitar o tempo de atividades como o pular na cama elástica. Outra vez, contrariamos as

recomendações: aceitamos as “manias”, muitas vezes redirecionando-as e incorporando-as às brincadeiras, um caminho seguro para fazer dele uma pessoa feliz, integrada, capaz de aceitar com naturalidade beijos, abraços e afagos e retribuí-los com carinho e amor. Acabamos encontrando respaldo na literatura para confirmar que estávamos na direção correta.

Jornada

Gabriel nasceu após oito meses de gravidez, em 23 de junho de 1993, na cidade fluminense de Macaé, na quarta operação cesariana da mãe. A obstetra dizia que o útero estava “fino como um papel”.

Sua primeira infância não se caracterizou por nada que chamasse a atenção. Era um bebê risonho, interagia bem com os irmãos, prestando atenção ao que faziam. Para se comunicar, usava palavras soltas, chamando as pessoas da família pelo nome.

Em dezembro de 1994, o pai foi transferido para Salvador, numa mudança apressada. Em junho de 1995, Gabriel contraiu uma infecção por rotavírus que fez com que perdesse dois de seus dez quilos em apenas quatro dias. Na volta para casa, continuou risonho e curioso, embora muito magro, e continuava se comunicando como já fazia. Ao final desse ano, já se percebia que não olhava quando era chamado, passando longos períodos entretido com o nada. Deixou de falar, usando música para expressar seus desejos e necessidades. Por exemplo, cantava uma paródia de “*Frère Jacques*” para pedir “*meu lanchinho, meu lanchinho, vou comer, vou comer...*”

Dos três aos oito anos, passou por quatro escolas regulares; dos oito aos onze, freqüentou uma instituição de ensino especial e, com doze, voltou à escola regular – neste caso, montessoriana. Por todas as instituições por que passou, o suporte para sua aprendizagem era dado por nossa família, mesmo na escola especial. Desenvolvemos um método centrado em músicas, uma das coisas que mais lhe dá prazer, visando a sua aprendizagem do conteúdo sistemático. Atualmente, fazemos a adaptação do conteúdo pedagógico para ser trabalhado na classe regular, pesquisando obras que cantem os temas estudados e montando apostilas com breves comentários e muitas figuras ligadas às letras pesquisadas.

A integração e inclusão da criança na vida da família e na comunidade são fundamentais para seu desenvolvimento. Gabriel nunca foi afastado das atividades diárias. No afã de trazê-lo para o mundo da comunicação, e também para garantir sua autonomia dentro de casa, primeiro passo para sua independência, os afazeres domésticos contavam com sua presença, no colo e, até, literalmente inserido no contexto, como quando a mãe lavava

roupa com ele dentro do tanque. Atividades como escolher ou debulhar feijão, fazer massa de bolo ou pastel, bater suco no liquidificador, lavar os banheiros, quaisquer tarefas contaram sempre com a sua participação. À medida que crescia, passou a se aventurar sozinho, como certa vez, em 2002, quando fritou seis ovos, um depois do outro. Fazer brigadeiro é uma arte que domina desde 2004, quando aprendeu a controlar o ponto, de forma a não queimá-lo. Se, de início, ele se sentava em frente ao forno, gritando até o bolo ficar pronto, hoje sabe bater a massa e pede: “Acende forno!” Então, a põe para assar e espera pacientemente o resultado. Também cozinha macarrão, refogando o molho de extrato de tomate e cebola. (Ver GARCIA FILHO & MACIEL, 2008, 19/1/2004 e de 21/4/2004).

Hoje com 15 anos, evoluiu de uma condição de autista clássico para autista de alto funcionamento ou síndrome de Asperger (24 pontos), segundo o teste I.D.E.A., de Rivière (in BEREHOFF, 2005).

Aprender e brincar, é só começar!

A abordagem adotada com Gabriel foi empírica, baseada principalmente na percepção de que nosso filho precisava, para se integrar ao mundo, ser incluído no contexto familiar e, para tanto, o caminho do brincar mostrava-se o mais fácil. Mas há farto referencial teórico para embasar essa estratégia.

Vigostki afirma que a construção da personalidade se faz de maneira dialética, o indivíduo só se constitui como ser humano na sua relação com o outro social (OLIVEIRA, 1992, p. 24): para se humanizar, precisa crescer num ambiente social e interagir com outras pessoas. A aquisição da linguagem mostra que o desenvolvimento psicológico humano e todas as funções superiores são originárias das relações reais entre os indivíduos, que vão tomando formas mais complexas à medida que o sujeito vai interagindo com o meio social e as relações mediadoras (CHIANELO, 2008). A vida social é instrumento necessário e indispensável para o desenvolvimento integral do homem.

Para WINNICOTT (1975, p. 63), o brincar é mais que a simples satisfação de desejos, é um fazer que se constitui de experiências culturais, universal e próprio da saúde, porque facilita o crescimento, conduz a relacionamentos grupais, podendo ser uma forma de comunicação.

Como lembra MALUF (2000), brincar juntos reforça laços afetivos. É uma maneira de manifestar nosso amor à criança. Todas as crianças gostam de brincar com os professores, pais, irmãos, e avós. A criança sente-se ao mesmo tempo prestigiada e

desafiada quando o parceiro da brincadeira é um adulto. Este, por sua vez pode levar a criança a fazer descobertas e a viver experiências que tornam o brincar mais estimulante e mais rico em aprendizado. “O processo de construção saudável de nossa identidade se dá através de uma crescente sociabilização”, explica OLIVEIRA (2006, p.11), prosseguindo: “os rituais e as brincadeiras (...) contribuem para a formação, manutenção e preservação dos processos cognitivos, afetivo-emocionais e sócio-culturais”.

De sua parte, KLINTA (2001, p. 27) sustenta que, “no encontro com crianças com necessidades especiais é necessário usar também uma maneira especial. É importante que a criança seja tratada a partir de suas possibilidades e que experimente o sentimento de ser bem-sucedida, de que é capaz no seu meio-ambiente e, talvez, também junto com outras crianças”. CUNHA (2002) corrobora esta idéia, afirmando que, para dar prazer a uma criança autista, é preciso entrar em empatia com ela, captando o que seria adequado a sua forma de se expressar. Fazer o que ela está fazendo é um bom começo para estabelecer comunicação. Imitando-a, cria-se sintonia para outras possibilidades.

GRANDIN (1992) coloca a música como ferramenta facilitadora para a comunicação com pessoas autistas. Conta que, quando frequentou a escola primária, a sua fala não era completamente normal: gastava mais tempo do que as outras crianças para conseguir colocar as idéias para fora. Cantar, porém, para ela era bem fácil.

Brincanto Play: um método tamanho família

Nosso método, que batizamos de Brincanto Play, é baseado na ludicidade, na música e na integração à vida da família através das suas atividades diárias, mostrando-se eficiente para o nosso caso e para outras famílias, que têm aplicado seus princípios ao receberem orientação pela internet e em congressos.

Brincar é importante. Com sua ludicidade peculiar, a criança autista brinca e interage, a depender da iniciativa e sensibilidade daqueles que a cercam. No caso de Gabriel, as brincadeiras foram e são as grandes aliadas para fazê-lo feliz e integrado.

Ainda há muitas pessoas que acreditam e insistem em afirmar que uma criança autista não sabe brincar, ou que não brinca “de maneira adequada”. Ao contrário, os métodos mais eficazes são justamente aqueles que sabem tirar proveito da ludicidade característica da pessoa autista: Floor time, Real Play, Son-rise e Scerts, como o Brincanto Play, apresentam resultados positivos ao estimular familiares e educadores a buscar o contato com a criança autista, respeitando suas idiossincrasias e tirando delas o máximo proveito.

Focado no desenvolvimento da auto-estima e da personalidade de pessoas com TGD, bem como voltado para ajudar os familiares a compreender suas idiossincrasias, o Brincanto Play trabalha a construção de relações pessoais e dos aspectos cognitivos através de atividades lúdicas e artísticas.

Mas, embora tenha paralelo com esses métodos internacionalmente consagrados, o que diferencia o Brincanto Play é a utilização dos interesses específicos do educando como eixo central, o aproveitamento de oportunidades do cotidiano, rotineiras, como ferramenta de aprendizagem constante e continuada e o uso da música como instrumental de desenvolvimento da oralidade. Também serve de ferramenta para o ensino de conteúdo na rede regular, trabalhando os conteúdos curriculares dentro do interesse focal do educando de forma natural, lúdica e prazerosa.

Nesta abordagem, a família é importante fonte de conhecimento e cultura, colocando-se em favor da criança. Deve ser tratada como a principal aliada, participando do processo de educação, em continuidade e sintonia com o acompanhamento terapêutico e os profissionais.

Criando e adaptando brincadeiras e jogos

Enfatizamos que cada família tem seu próprio repertório de jogos e brincadeiras, versões daquelas que fazem parte de sua cultura. Aproveitá-las para a comunicação e desenvolvimento da criança autista facilita a sua inclusão no núcleo familiar, primeiro grupo social do qual ela faz parte. No nosso caso, músicas e parlendas de nossas infâncias se misturaram a músicas consagradas da MPB.

Galinha do vizinho

No tradicional jogo, as crianças brincam de roda enquanto contam: “a galinha do vizinho, bota ovo amarelinho, bota um, bota dois...”. Com crianças autistas, uma interação assim é difícil, mas adaptamos a situação, pegando Gabriel pelas mãos e pés enquanto recitávamos a parlenda, balançando-o. Aproveitávamos, assim, o interesse comum a pessoas autistas pelo balançar.

Durim- durim! Sem piscar! Leão da Metro

Encarar “sem piscar” o parceiro de jogo é difícil para muitas pessoas autistas, mas o prazer da proximidade com a família era um desafio. Inicialmente, começou com outro jogo, “durim-durim”, em que a mãe aproximava sua testa da testa dele, recitando: “Durim, durim, durim” e terminando com “TIM!” quando as testas se encontravam.

O leão da Metro-Goldwin-Meyer, por sua vez, inspirou brincadeiras em que a mãe ou o pai o “atacavam” rugindo e “abocanhando” partes de seu corpo.

Fazer bolo

Pais e irmãos, fazíamos toda uma mímica em que Gabriel era a tigela de um bolo imaginário e mensagens simulavam a farinha, os ovos, o leite despejados, cada um com onomatopéia própria. Jogos assim serviam para aproximar a família e dessensibilizá-lo do seu DIS (distúrbio da integração sensorial).

Cantigas de roda

Várias cantigas foram cantadas e adaptadas. “O sapo não lava o pé” e “Se esta rua fosse minha”, por exemplo, tiveram personagens trocados, lugares modificados, situações novas foram exploradas. No lugar do sapo, a família, vizinhos, conhecidos e até artistas da televisão deixaram de lavar os pés. A cobra que sobe no pezinho de limão subiu em mamoeiros, laranjeiras e outros pés de fruta. Além da interação, acrescentavam-se conhecimentos e reforçava-se nele a certeza de ser capaz de se comunicar.

Conclusão

Reiteramos nossa fé na capacidade da pessoa autista se desenvolver, comunicar-se e, principalmente, ser feliz, autônoma e, mesmo, independente. A intensa participação da família e dos profissionais envolvidos, acreditando sempre que é possível superar as barreiras de comunicação, é peça-chave na educação dessas crianças. Não concordamos com prognósticos generalizadores que rotulam e condenam crianças a um futuro sombrio. Afirmar que a vida se limita a uma sentença ditada pelos genes é uma visão reducionista. Como dizia Reuven FEUERSTEIN (2008), “os cromossomos não têm a última palavra”.

Referências

- BEREOHFF, Ana Maria P. – A psicopedagogia aplicada aos portadores de T.I.D. In: CAMARGOS JUNIOR, Walter (org.) – Transtornos invasivos do desenvolvimento – 3º milênio, pp. 127-138. Brasília: CORDE, 2005.
- CHIANELO, Suzana – A neurobiologia e a teoria de Vigotsky: convergências. In: <http://www.abpp.com.br/artigos/12.htm>. Disponível em maio de 2008.
- CUNHA, Nylse Helena Silva. Dístúrbios do Comportamento. In CAMARGOS Jr., Walter (Org.) Transtornos Invasivos do Desenvolvimento – 3º Milênio, p. 122-127. Brasília: CORDE, 2002.
- FEURSTEIN, Reuven – A crença na modificabilidade estrutural cognitiva. Aulas ministradas por Feuerstein entre 1995 e 1999. In: rodapé das mensagens da Comunidade Virtual Autismo no Brasil. (2008).

GARCIA FILHO, Argemiro de Paula & MACIEL, Mariene Martins – Canto de Anjo. <http://www.cantodeanjo.blogspot.com.br> ou <http://www.geocities.com/cantodeanjo/>. Salvador, 2008.

GRANDIN, Temple – Uma visão interior do autismo. Tradução feita por Jussara Cunha de Mello – Belo Horizonte. Disponível dia 28/2/2008 em <http://br.geocities.com/cronicaautista/vida/visaointerior.htm>

KLINTA, Cia – Autoconfiança, comunicação e alegria do movimento através dos movimentos Sherborne – “Relation Play”. Trad. Vera O. Juhlin. 118 pp., ilustr. São José dos Campos: Univap, 2001.

MACIEL, Mariene Martins e GARCIA FILHO, Argemiro de Paula. Aprender e brincar é só começar: o desenvolvimento de Gabriel através do lúdico. XI Encontro de Amigos pelo Autismo, Anais, pp. 53-64. São Paulo: AMA, 2004.

MALUF, Ana Cristina Munhoz – O lúdico é o parceiro do professor. <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=270>. Psicopedagogia on line, 2000. Disponível em maio de 2008.

NOGUEIRA, Danielle – Entre dois mundos. Os desafios e as vitórias dos autistas na busca por uma ponte que os conecte com a realidade. Revista Domingo, n. 1385, encartada no Jornal do Brasil, 17/11/2002, pp 20-23. Rio de Janeiro, Editora JB. 2002

OLIVEIRA, Vera Barros – Rituais e Brincadeiras. Petrópolis, Editora Vozes: 2006.

OLIVEIRA, Marta Kohl – Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; & DANTAS, Heloísa – Piaget – Vygotsky - Wallon teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

RIVIÈRE, Angel – O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento. In: MARCHESI, A. et al. – Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades especiais. 2ª ed., v. 3, pp. 234-253. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SINCLAIR, Jim – Não chorem por nós: Our Voice -Autism Network International), vol 1, nº 3, 1993, Disponível em 23/12/2004 no site <http://www.autismo-br.com.br> .,

SIQUEIRA NETO, Armando Correa – O brincar no desenvolvimento infantil. Psicólogo, Faculdade Paulistana de Ciências e Letras. Texto disponível em 30/4/2004 no website da Academia Brasileira de Psicologia: <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl59.htm> e no website do Espaço Winnicott: <http://www.espacowinnicott.com.br/coord0.asp>.

WINNICOTT, D. W. – O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.